

PARTICIPAÇÃO DO OPERÁRIO NOS LUCROS DAS EMPRESAS

A. Frederico de Lacerda Alves
Catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas
da Universidade da Bahia

I — Saudação

Chegamos ao fim de uma jornada que nos trouxe, numa convivência de três anos, a possibilidade dêste momento de consoladora saudade, saudade não de fatos ou de tempos que se foram, deixando n'alma um sofrimento interminável, mas de uma saudade que consola, que anima e que fortalece, pela grandeza dos resultados obtidos a serviço de promissoras realizações.

Da escola, na marcha ascendente de vossa carreira, te-reis a visão perene, pela nitidez dos quadros luminosos, que se firmaram pela vossa retentiva de jovens dotados de energias e esperanças.

A firmeza, a fé e o devotamento que revelastes no estudo, constituíram os fundamentos de grande vitória e serão os alicerces do êxito e a justificativa do vosso triunfo.

Não será, por certo, fácil a tarefa a vencer. — O momento é de apreensões e de receios, de aspirações e de desânimo, de devotamento e de perfídias, mas, se procurardes seguir os conselhos, as lições e os exemplos dos mestres e dos mais devotados amigos, tereis, certamente, elementos para

(*) Discurso de Paraninfo dos Contadores de 1947, pela Faculdade de Ciências Econômicas, na Solenidade de Formatura, em 12 de dezembro de 1947, no Salão Nobre do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

vencer com tranquilidade de consciência todos os óbices encontrados.

Felizes os que, na pobreza ou na fartura, podem sentir a tranquilidade da alma pela ausência do remorso, pela certeza de ter, acima de tudo, cumprido intransigentemente o seu dever.

As vossas aspirações se fundamentam em propósitos elevados, por isso mais significativas para vós, para a Bahia e para o Brasil.

Insististes, num testemunho de admiração e carinho, investindo-nos nesta honrosa missão de paraninfar vossa brilhante formatura. São estas demonstrações de afeto, que animam e retemperam a alma do professor, compensando-o de todos os labores e sacrifícios.

A grandeza da missão de mestre contrasta com a pobreza dos recursos ao seu dispôr, mas vale também e vale muito a convivência dos moços, a alegria de ensinar, de despertar nas almas jovens a ânsia de saber, de trabalhar e de construir para engrandecer a Pátria.

Com a vossa homenagem nos julgamos fartamente compensados dos nossos labores e a alegria cresce de vulto, quando recordamos que outros professores notáveis e mais antigos podiam merecer a vossa preferência.

Deixareis, jovens paraninfados, em cada um dos vossos mestres um amigo e muitos de vós, talvez, volverão amanhã na condição de mestres, para continuar esta obra de construção e reorganização de nossa Faculdade, em bôa hora confiada à direção idealista e realizadora do Professor PAULO DE MATTOS PEDREIRA DE CERQUEIRA, a quem rendestes justa homenagem, realçando o seu reconhecido mérito.

II — Atributos do Contador

Não é fácil falar a Contadores cõscios de suas responsabilidades e do valor dos assuntos atinentes à sua profissão. Todavia, como sois a mocidade a serviço dos interêsses econô-

micos do país, empenhada em cooperar na solução dos magnos problemas nacionais, diremos algo daquilo que, por certo, ides realizar, graças à força do vosso idealismo, à firmeza das vossas convicções e à consciência que tendes de vossa nobilitante missão.

Vossa carreira é, realmente, daquelas em que, para a vitória, não basta o brilho da inteligência e o primor da cultura, é preciso também a noção exata do cumprimento do dever, pela atenção, disciplina, método, observância rigorosa das normas rígidas e imprescindíveis ao conhecimento e controle das operações feitas e dos resultados obtidos periodicamente.

De vossa honestidade profissional dependerá a eficiência da administração e a prosperidade da empresa com a veracidade indiscutível dos inventários e dos balanços, sínteses das possibilidades econômico-financeiras das instituições, a cujo serviço dedicardes vossa atividade técnica.

Sem bons resultados das empresas, que tanto dependem de vós, não haverá prosperidade econômica e difícil se tornará a elevação do nível médio de vida de todos os que trabalham.

III — Amplitude da Contabilidade

Escolhestes uma profissão que se alicerça na ordem dos seus registros, no controle dos seus lançamentos e na fria expressão dos seus números, resultantes de uma ciência indispensável, porque a Contabilidade é para o administrador o que a bússola é para o navegante.

Se a bússola guia o navegador, através dos mares calmos ou procelosos, para os portos do destino, a Contabilidade orienta o dirigente de uma empresa, advertindo-o dos perigos de uma situação ruínosa, no imenso e muitas vezes tormentoso mar da administração.

O vosso saudoso homenageado professor FREDERICO HERMANN JUNIOR afirmou que a Contabilidade desempenha

a função de órgão visual da administração, devendo penetrar em todos os aspectos da vida econômica e financeira das instituições. (1)

Efetivamente, são os olhos da administração, desvendando toda a vida da empresa e prevendo os seus resultados, porque, como ciência de fundo e de aplicação matemática, a Contabilidade requer exatidão nos dados que fundamentam sua constituição, na qual se observam princípios rígidos e infalíveis, justamente porque são lógicos e matemáticos.

A Contabilidade, atendendo às múltiplas atividades humanas, na administração pública e privada, tem suas funções especializadas, uma vez que as empresas são muito diversas entre si, pela sua finalidade, seu regime, sua constituição interna, sua estrutura e pela condição legal do seu proprietário (2), o que determina sensível desigualdade administrativa, para corresponder, satisfatoriamente, a cada uma delas.

Isto porque, seja qual for a natureza da empresa, o registro contábil de suas operações constitui o meio único de eficiente orientação financeira; variando a estrutura da empresa, o tipo das transações, as disponibilidades de recursos, as possibilidades de crédito e as exigências técnicas, claro é que divergirão as organizações de Contabilidade, de modo a ajustar integralmente o registro contábil à atividade econômica da empresa, pois, esta, sem o seu valioso auxílio, poderia estabelecer uma comparação dos valores qualitativamente, mas não poderia positivar o lucro ou o prejuízo, resultante dessa mutação patrimonial. Aí, a razão de BERGAMASCHI afirmar, judiciosamente, que todo estudo que se fizer de um estabelecimento se reduzirá a dois pontos: o econômico-administrativo e o contábil, sendo este a principal base de todo bem-estar econômico-social das empresas.

Assim, queridos paraninfados, os vossos serviços, ao contrário do que ainda hoje erroneamente pensam muitos, serão

(1) Elementos de Administração.

(2) LUIS SOLER — Obr. cit.

reclamados em todos os setores da atividade humana, porque a Contabilidade não atua somente nos escritórios comerciais, nos Bancos, nas Fazendas agrícolas e pastoris, nas empresas de seguro ou de transportes, nos estabelecimentos fabris, que transformam a matéria prima em uma imensidade de produtos, com sua maquinaria altamente especializada, na indústria pesada, com seus gigantescos fornos e seu impressionante equipamento, nas companhias que exploram as construções civis, as minas com seus rústicos elevadores subterrâneos e os poços de petróleo com suas torres metálicas, ou na administração pública, com a multiplicidade de serviços; ela vai além, muito além, estende sua ação organizadora e de precisão de registo às sociedades civis, recreativas, beneficentes, esportivas, às Universidades, aos serviços de Intendência das forças armadas, às instituições de previdência social, aos hotéis, às penitenciárias e até aos hospitais, onde, entre os milagres do bisturi, também se estiolam enfermos de doenças que ainda zombam da abnegação dos médicos e dos recursos da Medicina.

Em todos esses setores, a Contabilidade está sempre vigilante, registrando serenamente toda a receita, aquisição de equipamento e valorização das instalações, toda depreciação do material e despesas por mínimas que sejam, levantando os inventários e orientando as estatísticas, acompanhando as mutações patrimoniais e apurando rigorosamente os resultados, como guardião do patrimônio público e privado.

Eis o campo que se descortina aos vossos olhos de novos profissionais, esperando confiante os vossos conhecimentos técnicos, capacidade de trabalho e de organização eficiente e prática, fatores essenciais do controle da produção.

IV — Problemas da Indústria

Já falamos sobre a complexidade e amplitude da ciência Contábil, que se liga à própria solução econômica dos problemas sociais, que pela importância dos resultados ou efeitos

das medidas adotadas, desafiam a argúcia e a sabedoria dos políticos conservadores ou reformistas, agitando o mundo em busca de uma justa solução.

Esses problemas surgem principalmente na Indústria, porque nenhuma outra revolução se produziu mais espontaneamente, em todo o mundo, observa o professor EDGARD MATTA, do que a revolução industrial e dela surgiu a luta das classes, um fenômeno de reação contra o néo-capitalismo, que se estruturava, também, como reativo à decadência da Economia clássica (3).

Os graves problemas da redução do dia de trabalho para menos de oito horas e do aumento de rendimento para a diminuição dos preços ou sua estabilização, seu equilíbrio, em um nível acessível às classes menos favorecidas com uma remuneração suficiente, continuam insolúveis.

Pensa CLAPARÈDE que a Tecno-Psicologia resolverá estes angustiantes problemas que tôdas as nações têm diante de si. A redução do dia de trabalho para menos de oito horas, se possível, quando se tratar de trabalho manual, monótono, que não apele para nenhuma das funções superiores cujo exercício é fonte de felicidade comum, elevará a dignidade moral do operário, permitindo-lhe participar também dos mais nobres prazeres da vida social moderna (4), de que êle naturalmente se ressentente.

V — Seleção Científica Profissional

Para a resolução desses problemas será preciso, além de outros importantes fatores, a colaboração simultânea dos fisiologistas e psicólogos diretamente com os meios industriais, como ensina a abalizada e indiscutível experiência de LEÓN WALTHER, preconizando a adaptação psicofísica do operário ao trabalho, a Seleção Científica por meio de **Tests Psicológi-**

(3) Obr. cit.

(4) Prefácio da edição francesa de *Tecno-Psicologia do Trabalho Industrial* — Aut. cit.

cos, a divisão do trabalho procedida rigorosamente, de conformidade com a constituição psicofísica do operário, os movimentos profissionais e a sua técnica, as posições de trabalho e sua perfeita adaptação ao operário, o estudo cuidadoso da fadiga, do treino, do ritmo e da monotonia no trabalho industrial, etc. (5)

A seleção científica profissional interessa tanto ao operário quanto à empresa a que ele serve, e a esta ainda mais, porque, encarece WALTHER, de nada servirão as tentativas para aumentar o rendimento operário, pela divisão racional do trabalho, pela sua normalização ou mesmo por outros métodos, se essa condição, — de selecionar o operariado, — não fôr anteriormente preenchida; mas, infelizmente, os industriais, até agora, somente têm adotado essa orientação muito timidamente.

“Fica-se estupefacto, considerando o insignificante cuidado dos industriais na escolha do seu pessoal obreiro” (6) em contraste lastimável com a aquisição ou a reforma da maquinária, experimentada por várias formas, além dos preliminares estudos atinentes à sua precisão, aos gastos e a possibilidade de obtenção de melhor rendimento das máquinas.

E' preciso notar que, por outro lado, o exame médico de aptidão se mostra insuficiente na seleção profissional, pois só considera o estado de saúde e as condições dos órgãos dos sentidos, descurando dos dons e capacidade psíquicas e, assim, permite a eliminação parcial dos inaptos, mas nunca a determinação dos bem-dotados, porque é possível um indivíduo satisfazer tôdas essas provas, estando medíocrementemente capacitado para o trabalho industrial, (7) que irá desempenhar com ineficiência.

Temos, aí, a complexidade do problema da Mão de Obra, avultando, ainda, outro importante — a participação do operário nos lucros das empresas — de igual exigência de solução.

(5) Obr. cit.

(6) Obr. cit.

(7) LEÓN WALTHER — Obr. cit.

VI — Participação nos Lucros

O problema social, segundo SANDERS, é antes um problema de distribuição dos lucros ou de repartição dos benefícios da produção, do que um antagonismo de classe, por isso, em vários países e mesmo no Brasil, o Estado está interferindo para estabelecer a fixação de taxas sobre as rendas e sobre os lucros extraordinários (8) e a nossa Constituição Federal determina: “participação obrigatória e direta do trabalhador nos lucros da empresa, nos termos e pela forma que a lei determinar” (9).

O protesto dos operários pela participação nos lucros, de há muito lançado, não é apenas pelos seus salários percebidos, é parte da desproporção verificada entre os salários e os lucros excessivos, obtidos pelas empresas, que muitas vezes distribuem dividendos de cem por cento aos seus acionistas.

A participação nos lucros é exatamente o que define GEORGES BRY (10): “a modalidade do contrato de trabalho, segundo o qual o trabalhador recebe do patrão, além de seu salário, uma parte dos benefícios da empresa, não como associado deste, senão como trabalhador que coopera na produção”.

Não há motivo para confundir-se **Participação nos Lucros** com **Sociedade**, este elemento, adverte DE LITALA, é apenas aparente e é fundamentado com o artigo 86 do Código de Comércio Italiano: — “a participação nos lucros concedida aos trabalhadores ou a outros dependentes da sociedade, como remuneração total dos seus serviços, não atribui por si só a qualidade de sócio”. (11)

As várias formas de salários, refere NÉLIO REIS, em que ocorre uma relativa participação dos trabalhadores nos

(8) J. C. SANDERS — Legislacion — apud NÉLIO REIS — obr. cit.

(9) Art. 157, N.º IV

(10) Apud NÉLIO REIS — obr. cit.

(11) Apud NÉLIO REIS — obr. cit.

resultados obtidos pela empresa com seu esforço — Salário a Prêmio, Salário Progressivo, Escala Móvel de Salários, etc., — em verdade, só os associam aos benefícios do aumento de produção que obtêm os empregadores das suas atividades redobradas. Entretanto, os lucros da empresa têm simultaneamente outras causas externas, além da exploração do trabalho — condições do mercado, câmbio, redução do preço das matérias primas, benefício das invenções, maior eficiência das máquinas, etc.

Sempre foi de difícil solução a questão das relações entre o capital e o trabalho e, hoje, ela persiste acrescida de outra não menos difícil: uma fórmula operante para distribuição do lucro no seu verdadeiro conceito econômico, cujo limite de sua apuração, pensa DE LITALA ser matéria que transpõe a órbita jurídica para penetrar na da técnica-contábil. (12)

Incontestavelmente, é imprescindível uma justa remuneração do operário, conciliada, porém, por uma legislação social, aparelhada convenientemente para atender às necessidades do trabalhador e aos interesses do capital, como elementos essenciais e inseparáveis da produção.

Sendo três os agentes da produção — capital, trabalho e terra — inseparáveis na transformação da matéria, que se processa pela harmonia reinante entre eles, se deve procurar um perfeito entendimento entre os dois primeiros fatores, para efeito da remuneração equitativa do trabalho, mas com absoluta lealdade, de parte a parte, com sinceridade de cooperação no bem estar de todos, sem ameaças, sem insolências, sem tentativas de suborno e sem as convenções entre patrões e trabalhadores prejudiciais à coletividade.

E' preciso ter presente a abalizada afirmativa de CLEMENT ATTLEE ao tratar do movimento sindicalista e cooperativista: "mais sinistras ainda são as sugestões feitas de tempos em tempos aos trabalhadores de determinadas indústrias, no sentido de que eles se unam aos seus patrões para

(12) Apud NÉLIO REIS — obr. cit.

extorquir concessões do restante da coletividade, sem atender aos interesses gerais. Seria perfeitamente possível, por exemplo, a um grande monopólio que concedesse aos seus empregados uma situação acima das da classe em geral, conquistando-lhes a boa vontade e destarte utilizar-se deles para explorar a coletividade”.

Afirma, ainda, o grande primeiro Ministro inglês, que há sindicatos nos quais o trabalho diário é de tal forma uma questão de cooperação com os empregadores, que os seus dirigentes tendem a esquecer ou ignorar os objetivos finais do movimento. Tornaram-se tão constituicionais que, na sua essência, são conservadores.

Por outro lado, tem havido exemplo de conquista de sindicatos por extremistas que, recorrendo à política da greve contínua, acabaram arruinando a organização, porque exigiam constantemente dos seus membros sacrifícios que só por motivo de força maior deviam exigir. (13)

No conceituar de MÁRIO CORBIOLI, a participação nos lucros deve ser integral, isto é, no produto e não sómente no lucro e argumenta, em seu favor, que a participação no lucro poderia manter desligados os elementos produtivos, dirigentes e dirigidos, como eles hoje se encontram e sempre estiveram, desde que a família patriarcal se transformou em sociedade e Estado (14).

E, acentua êle: “Distribuir o que existe entre todos constituiria uma nivelção por baixo, de maneira tal, que deixaria miseráveis os ricos e não melhoraria sensivelmente a situação dos pobres, deduzindo-se, portanto, que deve ser afastada qualquer solução radical, que resulte nêsse nivelamento na miséria, porque importaria em uma justiça inoperante”.

A participação nos lucros da empresa deve ser admitida como um estímulo para o trabalhador e não como compensação de um baixo nível de salário; deve ser distribuído

(13) Bases e Fundamentos do Trabalhismo.

(14) Participação na Produção e no Produto.

o lucro, proporcionalmente ao esforço despendido pelo operário e à sua comprovada capacidade de trabalho, no curso da produção. Sua distribuição deve ser equânime e, de tal sorte regulada, que não fique exclusivamente ao arbítrio do empregador ou, ao contrário, favoreça tendenciosamente à satisfação de descabidas exigências dos trabalhadores.

É aceitável o pensamento de CORBIOLI, considerando que a condição primordial de qualquer tentativa, é que não importe em radicalismos excessivos, pois estes sempre seriam perturbadores. As modificações, para sua eficácia, devem respeitar, tanto quanto possível, a estabilidade do movimento. Quando excedem o limite, perturbam, decáem, para voltar a equilibrar-se. O conhecido e o experimentado devem ser as bases para qualquer desenvolvimento; tudo que supere estes limites constitúi, pelo menos, por certo tempo, uma utopia (15).

Nêsse interminável discutir dos que defendem e dos que combatem a participação dos operários nos lucros, em que por vezes dificuldades insuperáveis poderão levar alguns ao desânimo, inúmeras têm sido as opiniões de juristas e economistas, almejando a solução dêsse problema social, que vem preocupando os homens desde 1843, quando JEAN LECLAIRE procurou interessar os seus empregados nos lucros obtidos, firmando-se o precursor do sistema de participação salarial, como o saudoso e benemérito industrial bahiano LUIZ TARQUÍNIO foi, no Brasil, o precursor da legislação do trabalho e o pioneiro da Justiça social, com o **Estatuto dos Trabalhadores**, que êle idealizou e pôs em execução na Vila Operária, construída junto à **Fábrica Bôa Viagem**, aquí na Bahia, inaugurada em maio de 1892, um ano apenas depois da memorável encíclica — **De Rerum Novarum** — do famoso PAPA LEÃO XIII (16).

LUIZ TARQUÍNIO, integrado no movimento social da época, era um perfeito conhecedor do trabalho humano e um

(15) MARIO CORBIOLI — obr. cit.

(16) PERICLES MADUREIRA DE PINHO — Luiz Tarquínio

sincero amigo do operário, a quem nunca recusou sua proteção e justiça.

Quando foi anunciada a construção da fábrica e da vila operária, simultaneamente, que acomodaria os seus operários em cerca de 250 casas, com assistência médica, escolas, armazem de abastecimento, etc., não tardou o alarme entre os acionistas da **Companhia Empório Industrial do Norte**, cuja direção foi taxada de lunática e as ações começaram a ser oferecidas à venda, como expressão de descontentamento dos seus próprios acionistas, (17) descrentes, naturalmente, do sucesso de tão altruístico empreendimento.

Na impossibilidade de revivêr, neste discurso, a notável obra de LUIZ TARQUÍNIO, realizada há cinquenta e cinco anos passados, é de justiça, falando a Contadores que conosco estudaram Contabilidade e Economia Industrial, sintetizá-las nas palavras eloquentes de VIRGÍLIO DE LEMOS, por ocasião do passamento dêsse idealizador, em outubro de 1903:

“Ele, a bem dizer sòzinho, conseguiu, daqui, dêste recanto da América do Sul, exemplificar a milhares de teóricos da ciência econômica, a realidade que êsses arquitetos de doutrinas socialistas, ainda entrevêem vagamente, por entre pesada bruma de preconceitos, que o egoísmo lhes não permite rasgar, para que se edifique, em alicerces definitivos, o regime da equidade e da felicidade nas relações da vida operária”.

Meditai, jovens paraninfados e Contadores de 1947, meditai sôbre tão importantes problemas sociais, orgulhosos do trabalho meritório dêsse bahiano eminente, que colocou a Bahia e o Brasil na vanguarda da legislação trabalhista, com seus exemplos dignificantes de bem servir à coletividade e à Pátria, carente da cooperação sincera e decidida de seus filhos, felizmente já compenetrados dessa realidade, contida na recente **Carta Econômica de Teresópolis**, que, no dizer do Professor COSTA PORTO (18), é uma das mais arrojadas

(17) PÉRICLES MADUREIRA DE PINHO — Obr. cit.

(18) Comentários sôbre a Carta Econômica de Teresópolis.

manifestações de brasilidade, de preocupação sadia pelas cousas e questões nacionais e podemos repetir com êle: “No dia em que um govêrno ou um partido tomar como código de ação a síntese de seus postulados fundamentais, outros horisontes renovadores, largos, infindos, repondarão para o Brasil”.

VII — Despedida

Mas, queridos paraninfados, já é tempo de terminar, sem esquecer que esta festa é a expressão de uma grande vitória e de um saudoso adeus de mestre a discípulos, a discípulos que se afastam para seguir a larga e luminosa estrada do futuro; de mestre que acompanha com o olhar as silhuetas de seus discípulos, que se distanciam, em busca de nobre ideal, e permanece na mesma tenda, ensinando a novas gerações, que se sucedem nas atividades escolares, com amizades, semblantes e temperamentos novos, mas sempre com a certeza de que, um dia, êsses novos partirão também, não mais voltando, e se sente satisfeito de vê-los felizes, sorridentes, como vós outros, de súbito, se afastarem para a conquista de novos triunfos.

Ide, sêde felizes!

BIBLIOGRAFIA

- CLEMENT ATTLEE — **Bases e Fundamentos do Trabalhismo**. Tradução de Eneias Marzano. Editôra “A Noite” — Rio de Janeiro.
- EDGARD PAULO DA MATTA — **Democracia Industrial e Contrôle Operário** — Oficinas dos Dois Mundos — Bahia. 1939.
- FREDERICO HERRMANN JÚNIOR — **Elementos de Administração** — Editora Atlas, S/A. São Paulo. 1944.
- JOSÉ DA COSTA PORTO — **Comentários Sôbre a Carta Econômica de Teresópolis**. Faculdade de Ciências Econômicas de Pernambuco. Publicações Oficiais — N.º 1. Recife. 1947.

LÉON WALTHER — **Técno-Psicologia do Trabalho Industrial** — Tradução do Prof. Lourenço Filho — Cia. Melhoramentos de São Paulo.

LUIZ RUIZ SOLER — **Contabilidad General** — 3.^a edição. Imprensa Aldecoa, Burgos. 1928.

MÁRIO CORBIOLI — **Participação na Produção e no Produto**. Escritório Corbioli. Distribuidores Saraiva & Cia. São Paulo. 1945.

NÉLIO REIS — **Participação Salarial nos Lucros da Empresa**. Edição da Revista do Trabalho, Rio de Janeiro. 1946.

PÉRICLES MADUREIRA DE PINHO — **Luiz Tarquínio**. Imprensa Vitória. Bahia. 1944.